

Jazz

12 Fevereiro 2010

Programador:

Manuel Jorge Veloso

Carlos Martins

Água

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone Tenor Carlos Martins
Piano Bernardo Sasseti
Guitarra André Fernandes
Contrabaixo e baixo eléctrico Nelson Cascais
Bateria Alexandre Frazão

Sex 12 de Fevereiro
Grande Auditório · 21h30 · Duração: 1h30 · M12

Carlos Martins: o jazz como referência recorrente

Ser músico de jazz é ter confiança no acaso. É aceitar a disciplina necessária para manusear o instrumento como se domina uma linguagem. É acreditar no erro como fonte de inspiração. É compreender o outro e aceitá-lo. (...)

Carlos Martins

Uma característica merecedora de relevo e constituindo já tradição na temporada anual de jazz integrada na programação cultural mais geral da Culturgest é a presença regular do jazz português e seus compositores e intérpretes mais destacados. É portanto natural que, mais uma vez em 2010, essa tradição seja prosseguida fazendo desta vez inserir, no conjunto de concertos dedicados a este domínio musical e liderando os seus grupos respectivos, dois valores há muito firmados na nossa cena jazzística mas pertencentes a gerações afastadas entre si e a momentos diversos, mas relevantes, da evolução do jazz entre nós: Carlos Martins e Nelson Cascais.

Decidiu a disponibilidade do calendário que, nesta série de concertos, o primeiro desses valores a subir ao palco à frente do seu quinteto fosse um pioneiro: o saxofonista Carlos Martins, músico já veterano e de longa carreira, cujo início marcou e coincidiu com a entrada em cena dos primeiros músicos de jazz portugueses profissionais, ou seja, daqueles que (independentemente da sua participação mais ou menos episódica em outros domínios musicais) fizeram da prática do jazz, enquanto ins-

trumentistas e/ou como docentes, não um simples *hobby* mas uma ocupação regular e quase exclusiva.

Nascido em 1961 em Etiópia (Alentejo), o facto de ter passado os seus verdes anos afastado dos grandes centros populacionais proporcionou-lhe, como a outros jovens da sua geração, a oportunidade de se iniciar em música numa filarmónica – na circunstância a Banda Filarmónica de Grândola – ainda hoje, como então, um tipo de associações culturais privilegiadas (e em alguns casos únicas) para o ensaio dos primeiros passos na aprendizagem amadora da música.

Chegado, anos depois, à grande cidade, Carlos Martins logo teve a oportunidade de dar continuidade à sua paixão pela música e de aprofundar no Conservatório Nacional de Lisboa os seus primeiros estudos académicos no instrumento que escolhera (o saxofone) a par do curso de Composição. E foi já armado desses conhecimentos musicais de base que ingressaria na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal (criada em 1979), primeiro como aluno e mais tarde como docente.

Em bom rigor e considerando o surgimento, poucos anos antes, de músicos como Rão Kyao ou António Pinho Vargas, Carlos Martins vem assim engrossar e enriquecer uma segunda vaga de músicos que sucederam àqueles e também enveredaram pelo profissionalismo, juntando-se a outros seus contemporâneos como Zé Eduardo, Tomás Pimentel, Jorge Reis, Edgar Caramelo, Maria João, Maria Viana, Mário Laginha, Pedro ou Mário Barreiros, para apenas referir os mais activos e dinâmicos na cena jazzística portuguesa de então.

Uma característica comum a estes e outros músicos e que se tornou, por exemplo no campo da composição, uma verdadeira viragem no jazz português, coincide com o movimento mais geral verificado na Europa de um progressivo afastamento do jazz norte-americano, não necessariamente através de uma sistemática ou generalizada ruptura com traços essenciais da tradição jazzística, tal como esta se afirmava ainda enquanto grande modelo de referência, mas sobretudo através da criação de um novo repertório, pelo afastamento progressivo do culto quase exclusivo dos chamados *standards* e pela criação de obras próprias, tendência que veio a reforçar-se desde então e a tornar-se quase uma regra.

Entretanto, no caso de Carlos Martins, uma característica que desde logo abriu os seus horizontes musicais foi a apetência, revelada desde cedo, para associar ao jazz outros interesses e outras actividades performativas como aquelas que o relacionam com os domínios da música erudita ou da dança – nas suas colaborações com Constança Capdeville, Álvaro Salazar, João Paulo Santos, Rui Horta, Vera Mantero – ou os domínios do teatro e do cinema e, em geral, da música de cena.

Por outro lado, um aspecto singular que já distingue de certo modo Carlos Martins dos seus contemporâneos é uma crescente aproximação e apego pela música popular portuguesa – a exemplo do que acontecia no seio de outros movimentos jazzísticos de países mediterrânicos, como a Itália. Mais ainda, a presença e a prática musical, no meio português, de músicos e artistas originários das nossas ex-colónias, alargam

aquele seu interesse ao conceito de “lusofonia”, sendo várias e notórias as expressões musicais do saxofonista e compositor nesta via, traduzida com maior ou menor veemência na sua própria discografia, em particular *Caminho Longe* (1998) ou *Sempre* (1999).

Regressando ao concerto desta noite, diga-se, desde já, que parte substancial do repertório que iremos ouvir – eventualmente alargado a outras peças novas a estrear em público – está intimamente relacionado com o mais recente disco, *Água*, lançado por Carlos Martins em 2009. Embora não abandonando a já referida ligação à música portuguesa – presente, por exemplo, de forma mais ou menos explícita, em *Água* (que dá o título ao disco), em *O Sol Verde das Searas* ou nas reiteradas citações de *Azul Mediterrâneo* – julgo poder afirmar que esta nova obra discográfica reconduz mais claramente Carlos Martins ao terreno que sempre foi o da sua origem: o *jazz*.

Por um lado, o tipo de instrumentação clássica do quinteto que Carlos Martins traz consigo ajuda a aprofundar essa vertente estética, muito embora seja de notar a especial sensibilidade da maioria dos seus companheiros para a prática de “outras músicas”, para utilizar um termo consagrado em contexto diverso. Mas a própria concepção do disco – que certamente se reflectirá na temática do concerto – aponta para que voltemos a apreciar Carlos Martins como músico de jazz, por assim dizer mais “puro” (passe a expressão!), daqui decorrendo a necessidade de sublinhar uma nova evolução na sua concepção musical e no seu estilo instrumental.

Ao nível da composição, várias das

suas novas peças, continuando nalguns casos (*Bô Ta Bulli*, *Espiral Vertiginosa*, *Benji*) a privilegiar uma configuração melódica bastante sinuosa e movediça, são formuladas (pela arquitectura dos arranjos e pelas associações instrumentais escolhidas) de um novo modo e, sobretudo, tendo como pano de fundo um ambiente emocional bastante diverso.

Sendo certo que ainda se notam, aqui e ali, como seria natural, as influências iniciais e já longínquas de um mestre como John Coltrane, por vezes via Charles Lloyd, sobretudo na sua vertente “modal”, a verdade é que as impetuosas torrentes de notas de outrora dão agora lugar, as mais das vezes, a um fraseado controlado em alto grau, dir-se-ia (como já escrevi) pensado em função do valor de cada nota. Além do mais, o apuradíssimo cuidado no tratamento da matéria sonora, da qual está com frequência ausente o vibrato, a utilização adequada dos harmónicos e o tratamento por igual dos vários registos do instrumento – na linha de outros saxofonistas de referência mais actuais – influenciam e determinam a própria exposição, mais linear e menos fragmentada, do seu discurso melódico e improvisativo, uma tendência que se vem aprofundando na última meia dúzia de anos.

Claro que, como música de invenção individual e colectiva, a própria criatividade do novo jazz de Carlos Martins é estimulada pelos músicos de excelência que aquele escolheu para estarem a seu lado, como é patente na intensa e ágil interacção de *O Princípio* (Bernardo Sasseti). Com efeito, o enriquecimento tímbrico e as insinuações rítmicas de André Fernandes, a regularidade pen-

dular e o som amplo de Nelson Cascais, as subtilidades polirítmicas de Alexandre Frazão ou a imparável musicalidade, capacidade de viragem de rumo e riqueza harmónica de Bernardo Sasseti, são contributos decisivos para a formação de um todo ao mesmo tempo coeso, díspar, homogéneo e versátil, como deve ser sempre o bom jazz.

Manuel Jorge Veloso
Blog O Sítio do Jazz

Carlos Martins

saxofones

Nasceu em Etiópia (Alentejo) a 23 de Dezembro de 1961. Saxofonista (tenor, soprano) e compositor, estudou música e clarinete na Banda Filarmónica de Grândola com o maestro Jorge Picoito, a partir dos 14 anos. Mais tarde ingressou nos cursos de saxofone e composição do Conservatório Nacional. Foi aluno e professor da Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal. Frequentou os cursos de música contemporânea e improvisada da Fundação Calouste Gulbenkian e do Seminário Internacional de Música de Barcelona. Fazendo do jazz a sua actividade principal, manteve uma forte ligação à música erudita e desenvolveu uma carreira em vários domínios musicais, tendo trabalhado com Constança Capdeville (Grupo Colectiva), Álvaro Salazar (Oficina Musical), João Paulo Santos (Solistas da Orquestra Teatro Nacional de São Carlos) e colaborado com o escultor António Quina e os coreógrafos Rui Horta e Vera Mantero. Compôs para cinema, teatro e dança. Como músico de jazz fundou o Quinteto de Maria João (1983-1985), foi membro fundador do Sexteto de Jazz de Lisboa (1984), e os seus grupos integraram e/ou integram músicos como Carlos Barretto, Bernardo Sasseti, Mário Delgado, Alexandre Frazão. Entre os músicos estrangeiros, tocou, entre outros, com Ralph Peterson (1990), Don Pullen (1990), Cindy Blackman (1995), Bill Goodwin. Participou na maioria dos festivais nacionais e alguns festivais internacionais. Dirige os seus próprios quarteto e quinteto. Como líder gravou

o primeiro disco em 1995, *Passagem*. Fundou e é presidente e director artístico da Associação Sons da Lusofonia (1996), um projecto em que colaboram artistas de várias culturas para uma melhor cidadania.

Como arranjador tem ensaiado o cruzamento do jazz com a música popular, trabalho de que o disco *Sempre* constitui um testemunho prioritário. Mais recentemente, tem explorado aquilo a que chama “as semelhanças harmónicas e melódicas entre o fado, a morna e a modinha sob a influência do jazz e da música clássica”.

Influenciado inicialmente por John Coltrane, Jan Garbarek ou Elis Regina, o seu profundo interesse pela música de Duke Ellington aproximou-o também de saxofonistas tenores mais clássicos motivando-o a trabalhar a sonoridade do instrumento. A sua abertura conceptual e musical nunca o afastaram de modo decisivo da matriz *modal* conservando uma notória curiosidade por músicas fora da esfera do Jazz. O conhecimento de outras músicas levou-o ainda a leccionar no New Jersey Performing Arts Center em 2002, altura em que estudou com o professor George Garzone em Nova Iorque. É desde 2002 o director artístico da *Festa do Jazz do São Luiz*. É director do *Lisboa Mistura*, um projecto artístico multi-disciplinar de intervenção intercultural que se iniciou em 2006. Estreou-se em 2007 como autor do *Lisboa Mistura TV* um projecto de televisão para a SIC-Notícias sobre a cidade de Lisboa. Foi consultor cultural do ISCTE/Dinâmia para a elaboração da Carta Estratégica para a Cultura de Lisboa em 2008. Realizou, como director artístico, a Gala “Juntos

na Diversidade”(Acidi) para a RTP em 2008. É também, actualmente, consultor cultural da Prefeitura de Natal, no Brasil.

Compôs música para cinema (obras de João Canijo, Eduardo Guedes, Tiago Rodrigues), para coreografias de Rui Horta, Vera Mantero, Companhia de Dança Contemporânea de Setúbal e Companhia Nacional de Bailado. A sua discografia conta com sete títulos como líder ou co-líder e dois como *sideman*, integrando o Quinteto de Maria João na década de 1980.

Bernardo Sasseti

piano

Nasceu em Lisboa em Junho de 1970. Iniciou os seus estudos de piano clássico aos nove anos com a professora Maria Fernanda Costa e, mais tarde, com o professor António Menêres Barbosa, tendo frequentado também a Academia dos Amadores de Música. Dedicou-se ao jazz, estudando com Zé Eduardo, Horace Parlan e Sir Roland Hanna. Em 1987 começa a sua carreira profissional, em concertos e clubes locais, com o quarteto de Carlos Martins e o Moreiras Jazztet; participa em inúmeros festivais com músicos tais como Al Grey, John Stubblefield, Frank Lacy e Andy Sheppard. Desde então, nos primeiros 15 anos de carreira, apresenta-se por todo o mundo ao lado de Art Farmer, Kenny Wheeler, Freddie Hubbard, Paquito D’Rivera, Benny Golson, Curtis Fuller, Eddie Henderson, Charles McPherson, Steve Nelson, integrado na United Nations Orchestra e no quinteto de Guy Barker com o qual gravou o CD *Into The Blue* (ed. Verve), nomeado para os

Mercury Awards 95 – Dez Álbuns do Ano. Em Novembro de 1997, também com Guy Barker, gravou *What Love Is*, acompanhado pela London Philharmonic Orchestra e tendo como convidado especial o cantor Sting.

Como compositor, escreveu as suites *Ecos de África*, *Sons do Brasil*, *Mundos*, *Fragments (Of Cinematic Illusion)*, *Entropé*, para piano e orquestra, *4 Movimentos Soltos*, para piano, marimba e orquestra e *Concerto Dinâmico*, para 2 pianos e orquestra, entre muitas outras peças para pequenas formações.

Das gravações editadas em seu nome registam-se as seguintes: *Salsetti* (1994); *Conrad Herwig + Trio Bernardo Sasseti - Live* (1995); *Mundos* (1996); *Nocturno* (2002, 1º prémio Carlos Paredes); *Mário Laginha/Bernardo Sasseti* (2003); *Índigo* (2004), *Livre* (2004); *Grandolas* (2004, em duo com Mário Laginha); *Ascent* (2005, 1º prémio Carlos Paredes); banda sonora do filme *Alice* (2005); *Unreal - Sidewalk Cartoon* (2006); banda sonora da peça de teatro *Dúvida* (2007) e *3 Pianos* (2008, CD e DVD, em trio com Mário Laginha e Pedro Burmester).

Dedica-se regularmente à música para cinema, tendo realizado vários trabalhos nos sete últimos anos e de entre os quais se destaca a sua participação no filme *The Talented Mr. Ripley* (prod. Paramount/Miramax), de Anthony Minghella. Para este projecto gravou *My Funny Valentine* com o actor Matt Damon, entre outros temas. Em parceria com Guy Barker, compôs igualmente uma série de temas para serem apresentados nas *premières* oficiais deste filme, realizadas em Los Angeles, Nova Iorque, Chicago, Berlim, Paris, Londres e Roma.

Os seus mais importantes trabalhos de composição para cinema são os seguintes: *Maria do Mar* de Leitão Barros, *Facas e Anjos* de Eduardo Guedes, *Quaresma* de José Álvaro Morais, *O Milagre Segundo Salomé* de Mário Barroso, *A Costa dos Murmúrios* de Margarida Cardoso, *Alice* de Marco Martins, *98 Octavas* de Fernando Lopes, o documentário *Noite em Branco* de Olivier Blanc e as curtas-metragens *As Terças da Bailarina Gorda* de Jeanne Waltz e *Antes de Amanhã* de Gonçalo Galvão Teles. Como solista, participou também no filme *Pax* de Eduardo Guedes e na curta-metragem *Bloodcount* de Bernard McLoughlan. As bandas sonoras de *A Costa dos Murmúrios* e *Alice* foram distinguidas com o troféu internacional *Cineport* para melhor banda sonora original.

Para Teatro, compôs a música de *A Casa de Bernarda Alba* (encenação de Diogo Infante e Ana Luísa Guimarães), *Frei Luís de Souza*, uma leitura encenada por Ricardo Pais e *Dúvida* (encenação de Ana Luísa Guimarães), editado recentemente em CD.

Como concertista, no tempo presente, apresenta-se em piano solo, em trio com Carlos Barretto e Alexandre Frazão, em duo com o pianista Mário Laginha ou em trio de pianos com Mário Laginha e Pedro Burmester.

Faz parte do grupo internacional *Art Impressions*, no espectáculo *Shubertiade* (estreado em Espanha, em Julho de 2007), sob a direcção artística de Maria João Pires.

De entre muitos discos gravados (como solista, acompanhador e compositor) podem destacar-se os seguintes: *Dundunbanza* e *Tibiri Tabara*,

Orquestra Cubana Sierra Maestra; *Impressões e Olhar*, Carlos Barretto; *Passagem e Do Outro Lado*, Carlos Martins; *Cumplicidades*, Luís Represas; *Ao Vivo no Coliseu*, Carlos do Carmo; *Into The Blue*, *Timeswing*, *What Love Is* e *Soundtrack*, Guy Barker; *Perico*, Perico Sambeat; *Cielo e Oración*, Guillermo McGill; *A Espuma das Canções*, Rui Veloso; *Desafinados*, Tetvocal; *Reencontro*, Djurumani; e *Jamaica By Night*, Andy Hamilton, entre muitos outros.

André Fernandes

guitarra

Nasceu em Lisboa. Completou os seus estudos na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal e em 1996 recebeu uma bolsa da conceituada Berklee College of Music, em Boston, EUA, que frequentemente até se mudar para Nova Iorque. Nesse período recebeu o Stephen Holland Award para Outstanding Musicianship.

Entre as suas inúmeras colaborações dos últimos anos destacam-se Mário Laginha, Lee Konitz, Chris Cheek, Cyro Baptista, Perico Sambeat, Bernardo Moreira, Maria João, David Binney, Julian Argüelles, Eli Degibri, Dan Weiss, Bill McHenry, Pedro Moreira, Pete Rende, John Hollenbeck e Theo Bleckman, Alexi Tuomarila Quartet, Bernardo Moreira, Jorge Reis, Carlos Barretto, Bernardo Sassetti, Akiko Pavolka, Jarmo Savolainen, Furio diCastrí, Phil Markowitz e João Paulo Esteves da Silva, entre muitos outros.

Em 2001 gravou o seu primeiro CD como líder, *O Osso*, editado pela sua própria editora Tone of a Pitch, ao

qual se seguiram até hoje mais quatro trabalhos: *Howler*, *Timbuktu*, *Cubo*, e *Amplitude* com o grupo Spill.

Todos muito bem recebidos pela crítica e público, o seu último foi eleito disco do ano pela votação dos críticos no espaço Jazzlogical.net, e Fernandes eleito músico do ano de 2007 pelo jornal *Público*.

Colabora regularmente com a Orquestra de Jazz de Matosinhos com quem gravou o projecto *Portology* com Lee Konitz, dirigido por Ohad Talmor, e foi convidado para integrar o Lee Konitz New Nonet na Europa em 2006 e 2007. Com Konitz e a Orquestra Jazz de Matosinhos actuou no Carnegie Hall em Nova Iorque em celebração do seu octagésimo aniversário e recentemente no clube Jazz Standard. Com o seu noneto actua por toda a Europa. No mesmo período integrou o projecto *João* de Maria João com quem fez várias digressões pela Europa e em Portugal.

O seu quarteto actual inclui o pianista Mário Laginha, o contrabaixista Nelson Cascais e o baterista Alexandre Frazão.

Nelson Cascais

contrabaixo e baixo eléctrico

Nasceu em Lisboa em 1973. Estudou na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal (HCP) e no Conservatório Nacional de Lisboa. Em 1994, como finalista do curso de jazz do HCP representou Portugal no *meeting* anual da International Association of Schools of Jazz em Nova Iorque.

Em 1995 inicia uma activa carreira como *sideman*, o que lhe permitiu preencher a sua agenda com colaborações em

estúdio e actuações ao vivo, em Portugal e no estrangeiro, com algumas das mais importantes figuras do jazz nacional e internacional como Rick Margitza, Nuno Ferreira, Jorge Reis, Jerome Richardson, Benny Lackner, Perico Sambeat, Bernardo Sassetti, Maria João, Stefano d'Anna, Libert Fortuny, Laurent Filipe, Ivan Padduart, António Faraó, John Ellis, Aaron Goldberg, Markku Onaskari, Kari Ikonnen, Jorge Prado, Jarmo Savolainen, Maria Schneider, Carlos Martins, Mário Laginha, entre outros.

Em 2002 é nomeado Músico de Jazz do Ano pelo site www.jazzportugal.net.

Actualmente integra o quarteto de André Fernandes, Jesus Santandreu Quartet, Paulo Bandeira Quarteto, João Lencastre Group, Pedro Moreira Quinteto. Colabora ainda com Maria João no seu projecto *João*.

Desde 1999 que lidera os seus próprios grupos, com os quais gravou *Ciclope*, *Nine Stories* e *Guruka*.

Alexandre Frazão

bateria

Natural de Niteroi, Rio de Janeiro. Vive em Portugal desde 1987. Estudou com Alan Dawson, Kenny Washington e Max Roach. A sua actividade profissional tem sido predominantemente orientada para o jazz e para a música improvisada. Colabora com inúmeros artistas do panorama nacional e internacional. Na área do jazz, com Maria João e Mário Laginha, Bernardo Sassetti, Carlos Martins, Laurent Filipe, Rodrigo Gonçalves, Carlos Barretto, Ficções, Dave O'Higgins, Perico Sambeat, Jon Freeman, Mark Turner. Noutras áreas:

Pedro Abrunhosa, Rui Veloso, Ala dos Namorados, Nuno Rebelo, Rão Kyao, Júlio Pereira, Joel Xavier e Tim Tim por Tim Tum, com Jim Black.

Alguns discos que melhor representam o seu estilo: *Nocturno*, de Bernardo Sasseti, *Filactera*, de Mário Delgado, *Undercovers*, de Maria João e Mário Laginha, *Tempo*, de Pedro Abrunhosa, e os DVDs de Rui Veloso *O Concerto Acústico* e Ala dos Namorados *Ao Vivo no S. Luiz*. Participou ainda em mais de três dezenas de discos de outros artistas.

Em 2002 fundou o TGB (Tuba, Guitarra, Bateria) com Mário Delgado e Sérgio Carolino, daí resultando o disco homónimo do grupo, que contém músicas de sua autoria. Tem participado em inúmeros festivais de jazz nacionais e estrangeiros com alguns dos artistas citados e também em concertos isolados em França, Alemanha, Espanha, Brasil, China, Bélgica, Dinamarca.

Actualmente, integra o grupo de baterias Tim Tim por Tim Tum e o grupo de tributo aos Led Zeppelin - Led On. Toca com baterias Yamaha e pratos Zildjian.

Próximo espectáculo

David Grimal

Música Sáb 13 Fevereiro

Palco do Grande Auditório · 18h00

Duração: 1h00 · M12



© J.L. Atlan

Violino David Grimal

David Grimal, um dos grandes intérpretes da sua geração, nasceu em 1973. Estudou violino a partir dos 5 anos, completando a sua formação no Conservatório Nacional de Música de Paris com Regis Pasquier. Aperfeiçoou-se com, entre outros, Isaac Stern, Schlomo Mintz e Philippe Hirshhorn. A sua já muito vasta carreira, como solista ou músico de câmara, levou-o a actuar nos melhores palcos do mundo inteiro, com grande orquestras, destacados maestros e músicos como James Galway, Boris Berezovsky, Georges Pludermacher, Alain Planes entre muitos outros. Fundou o Quarteto Orfeo com quem gravou numa série de DVDs a integral dos quartetos de cordas de Beethoven. Em Lisboa já esteve na Fundação Calouste Gulbenkian e na Festa da Música, no CCB.

O seu vasto repertório vai da música barroca à música contemporânea. Vários compositores lhe dedicaram obras. Recebeu diversos prémios europeus e

numerosas gravações em que participou foram destacadas pela crítica. Recentemente registou a integral das sonatas e partitas de J.S. Bach, álbum que recebeu o Choc da revista *Classica*. Grimal toca um violino Stradivarius de 1710.

No concerto desta tarde, entre a Sonata nº 1 e a Partita nº 2 de J.S. Bach, David Grimal intercala a *Chaconne* da *Kontrapartita* que pediu ao compositor francês Brice Pauset para lhe escrever. Pauset, nascido em 1965, compôs mais de 60 obras para solistas e diversas formações. Colabora regularmente, entre outros, com o IRCAM e o Festival de Outono de Paris. Muitas das suas peças foram executadas pelos mais aclamados ensembles e intérpretes de música contemporânea.

Este será, certamente, um excelente recital, conjugando-se a genialidade da música de Bach com o imenso talento do intérprete.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente

António Maldonado

Gonelha

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos

Pietra Fraga

Diana Ramalho estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção e Montagem

António Sequeira Lopes

Produção

Paula Tavares dos Santos

Montagem

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Patrícia Blázquez

Clara Troni

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

chefe de áudio

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

José Luís Pereira chefe

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Recepção

Sofia Fernandes

Ana Sofia Magalhães

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

António Rocha estagiário

Soraia da Silva estagiária

Susana Sá estagiária

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
